



## Dos segredos interiores e das obras que duram

· JORNAL GYPTEC #2 · MUSEU DE SETÚBAL · 2 DE MAIO DE 2016 ·

O processo de recuperação, extensão e reconversão do Convento de Jesus de Setúbal, em Museu, teve início em 1998, com o lançamento de um concurso, pela Câmara Municipal de Setúbal e pelo IGESPAR<sup>1</sup>, de que saiu vencedora a proposta do Arqtº João Luís Carrilho da Graça.

Passaram 17 anos até ser, finalmente, inaugurada uma ala do antigo Convento (a ala poente, mas desta apenas o piso superior), o que corresponderá, *grosso modo*, se não tivermos em conta todo o trabalho de reabilitação das coberturas e de consolidação estrutural das paredes e pisos do Convento, a um décimo do total da obra inicialmente ambicionada e cujo

projecto de execução se encontrava pronto desde 2001.

A ideia que saíu vencedora do concurso e que o Arqtº Carrilho da Graça desenvolveu, depois, sem grandes alterações, corresponderia a uma obra verdadeiramente notável, tanto no que respeitaria ao surgimento de uma peça museológica interessantíssima a vivificar o centro histórico de Setúbal, como na exemplaridade de que se revestiria no construir novo, com respeito e inteligência, ao lado do antigo, recuperado e reabilitado, Convento de Jesus.

A história do conjunto é complexa e remonta, pelo menos, a 1490, quando Justa Rodrigues, ama-de-leite do que viria a ser, mais tarde, o rei D. Manuel I, obteve, junto de D. João II e depois, do Papa, autorização para erguer uma Igreja e

um Convento de clausura, feminino, em Setúbal, dedicado a Jesus, tendo em vista, provavelmente, também, reservar túmulos para os seus dois filhos e para si própria, já que viria a ser sepultada a meio da Casa do Capítulo.

D. João II tê-la-ia, certamente, em muito boa conta, entendendo intervir e sugerir outras proporções para a projectada igreja quando se apercebeu das dimensões para que o início das obras apontava. Envolvendo Jacques Boytac (1460-1527), que ficaria para a História da arquitectura portuguesa como Diogo Boitaca, D. João II procuraria, com o mestre francês, que a Igreja ganhasse uma dignidade espacial que, aparentemente, o inicial ensejo de D. Justa não ambicionava. De uma vulgar construção de três naves com cobertura em madeira, a peça passou a Igreja salão, com as três naves à mesma altura

1. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, actual DGPC, Direcção Geral do Património Cultural

e com o tecto em pedra, abobadado, suportado por nervuras de volta inteira cruzando-se num espectacular efeito estrutural, com os grossos contrafortes das suas fachadas a atestar o necessário reforço para compreender as alterações sucessivamente introduzidas.

As magníficas colunas torsas celebrando, talvez, a Santíssima Trindade, no enrolamento dos seus três cordames, povoam o espaço salão, anunciando um modo novo que durante dois reinados se espalhará pelo País e a que convencionámos chamar “manuelino”.

Posteriormente, o conjunto terá recebido várias intervenções, a mais expressiva, 100 anos mais tarde, já na passagem do século XVI para o XVII, orientada por António Rodrigues (o tão misterioso quanto talentoso arquitecto maneirista, de que se sabe ter sido também autor dessa obra prima que é a Capela das Onze Mil Virgens, anexa à igreja do Convento de Santo António, em Alcácer do Sal), que remodelou a Sala do Capítulo, marcando-a de um modo racional, expressivamente *chão*, recorrendo a uma geometria pura e económica, de grande modernidade, tendo, provavelmente, também, refeito a escadaria de ligação entre os pisos, num desenho tão singelo e elementar quanto acertado.

Partindo de uma leitura do objecto, mas também do contexto que o envolve, Carrilho da Graça propunha-se, em primeiro lugar, recriar um “fundo” à Igreja e ao Convento que os recortasse, num cenário “idêntico” ao ermo sapal de Troino, onde tinham nascido, para lá dos limites do burgo.

O monumento e a sua cerca, antes afastados da vila, tinham sido, no século XVII, incluídos dentro da nova muralha abaluartada que envolveu todo o construído existente, à época.

Hoje, porém, desfeita a continuidade dessas muralhas, sobram apenas restos ou cadastros de fronteira, como memória da Setúbal fortificada.

A cidade “genérica”, pouco qualificada e, em grande parte, desastrosa, envolveu o norte do antigo perímetro que, a sul, recebera, no final de XIX, o *boulevard* Luísa Todi, a bordejar-lhe o porto, entretanto, aterrado à margem do Sado.

E seria esse fundo perturbador que a intervenção de Carrilho da Graça pretendia iludir: o vazio por detrás do Convento seria cheio por uma “massa” de terra, até à altura interior dos antigos baluartes (hoje muito “rebaixados, dado os movimentos posteriores em volta), e o suave declive obtido contra esses muros de suporte receberia árvores, constituindo-se numa “cortina” por detrás do monumento.



Convento de Jesus de Setúbal, Autor desconhecido; c. 1900

O baluarte, construção normalmente feita de massa de terra acumulada e contida por paramentos de pedra, é, neste caso, definida por muros baixos e níveis interiores idênticos aos exteriores. Perseguindo a vontade de isolar pela massa de terra, deforma-se o terreno alteando o solo até cobrir o seu contorno: o espaço adquire espessura.<sup>2</sup>

No restante da topografia assim conquistada, encaixar-se-ia uma das alas de um novo quadrângulo que Carrilho da Graça propunha para albergar o programa museológico que deveria extravasar da complexa construção original.

E nesse novo lugar residiria a grande surpresa da intervenção.

Se, no Convento, o arquitecto propôs um rigoroso programa de restauro e de tentativa de o reconduzir, ainda que com tecnologia contemporânea, a uma imagem mais próxima da de origem (intervenções nunca terminadas e um pouco confusas, durante o século XX, mantinham muito descaracterizada grande parte dos magníficos espaços), num trabalho de grande sensibilidade história e arqueológica, reconquistando o que o espaço quisera ser, desde o desenho gótico tardio de Boitaca às intervenções *chãs* de António Rodrigues, na construção nova, retomando proporções, alinhamentos, alturas e significados, a intervenção, francamente moderna e contemporânea, surpreenderia pelo estranho eco poético que faria ressoar.

2. JLCG. “Memória Descritiva do Concurso”, 1998

À maneira dos sintéticos versos de Helberto Hélder que Carrilho da Graça escolheu para epígrafe do projecto, um *outro* claustro, rebatido, encheria da luz do céu o seu centro em quadrado espelho de água.

Um espelho em frente de um espelho: imagem  
Que arranca da imagem, oh  
Maravilha do profundo de si, fonte fechada  
Na sua obra, luz que se faz  
Para se ver a luz<sup>3</sup>

3. Herberto Hélder. *Poesia toda*, 1996. Lisboa: Assírio & Alvim



Maqueta da versão de Concurso (1998)

A repetição da proporção claustral de Boitaca, sem repetição do fraseado manuelino, mas apenas guardando a qualidade das proporções definidas, seria a comprovação das possibilidades do tempo histórico da arquitectura nos poder ser transportado, incólume, através da espacialidade, mais do que através do vocabulário estrutural ou decorativo de cada época.

Uma limpidez que as novas técnicas permitiriam, faria erguer os lados do claustro, definidos apenas por testas cegas, planos brancos, a nível de um primeiro piso, a marcação suficiente para o meio cubo de ar parado que indicava as galerias, em baixo, em volta do céu reflectido na água lisa que encheria o pátio central.

Da surpresa no sentir os dois claustros, o manuelino e este outro de iguais proporções mas actual, nasceria o contraste da visita memorável, espécie de comprovação científica

das potencialidades da arquitectura através das épocas e das obrigações da história.

O programa seria, depois, claramente distribuído por estes dois espaços tão desarmantemente espelhados, com as colecções ocupando as alas do antigo Convento e toda a logística necessária a um museu contemporâneo (administração, depósitos, centro de estudos, biblioteca, auditório e sala de exposições temporárias), a vir, com naturalidade, preencher as novas construções arrumadas em volta do pátio novo.

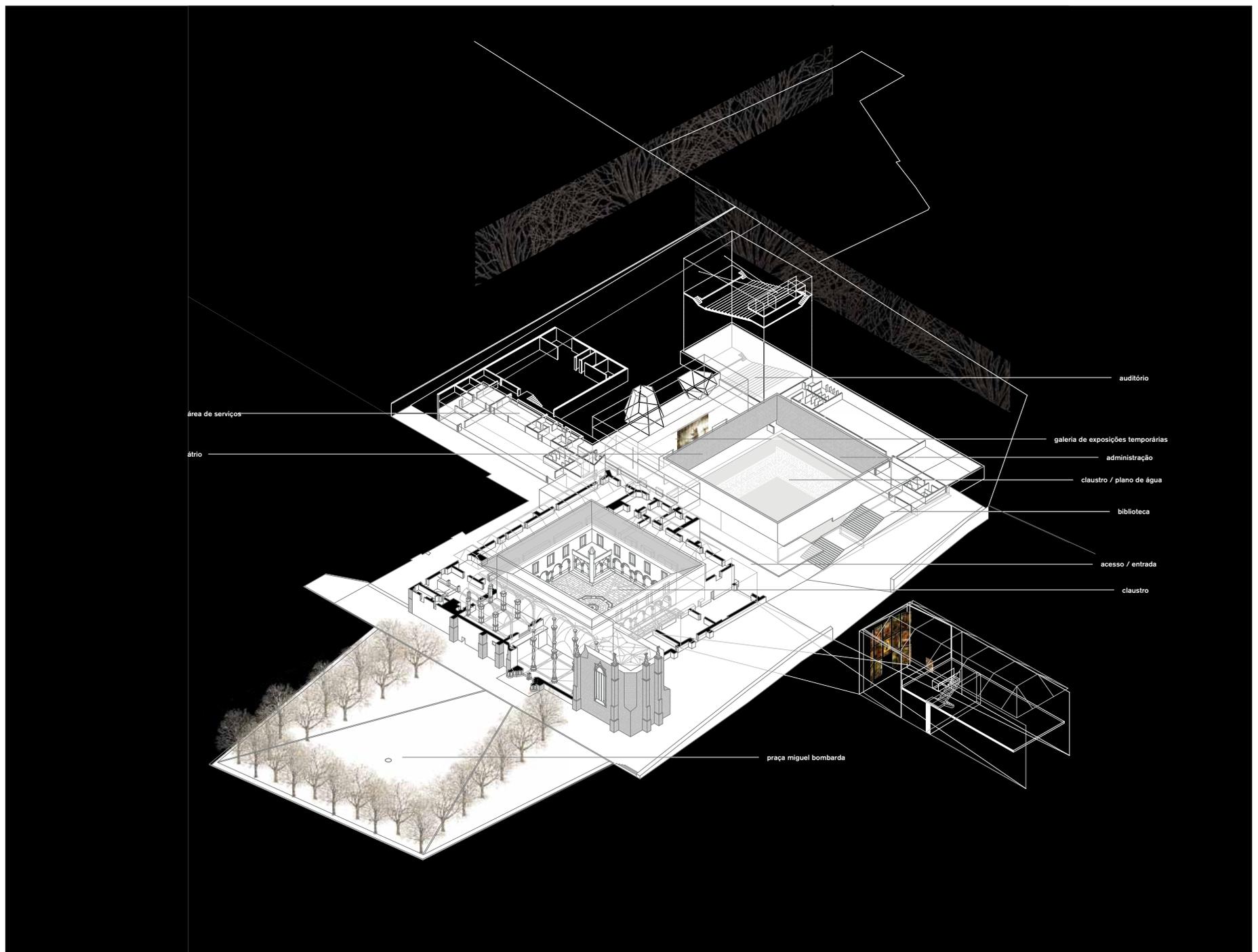
A mais interessante lição que podemos hoje retirar da arquitectura do Convento existente é talvez esta autonomia e interdependência à volta da geometria do claustro. A instalação do museu pressupõe dois tipos de operação: a de ocupação interior do edifício existente e a da construção de um novo edifício. A construção do novo edifício coloca interessantes questões de continuidade ou ruptura. Construámos

um novo claustro em posição simétrica e por abstracção em relação ao anterior. Entre os dois claustros, tangencialmente à galilé, define-se a entrada.<sup>4</sup>

A vida romanceada apresenta os arquitectos de um modo ligeiro; ou como *estrelas* que aparecem e desaparecem, pontualmente, dando instruções caprichosas, ou como pessoas esforçadas a quem tudo devesse ser exigido e de que tudo fossem responsáveis no decorrer de uma obra.

Para lá destas fantasiosas idealizações que desconhecem toda a quantidade de especialistas que trabalham em conjunto com os arquitectos concorrendo para o sucesso das obras, o *tempo*, a quantidade de tempo que estes processos lhes tomam, é sempre ignorado.

4. JLCG. "Memória Descritiva do Concurso", 1998



Perspectiva explodida da versão de Concurso (1998)



Ignorado, também, pelos próprios promotores públicos: hoje vemos o Estado ou as Autarquias lançarem concursos de honorários e de prazos, como se se tratasse da aquisição de serviços ou da compra de uma nova frota automóvel para o Ministério.

Um projecto de arquitectura é qualquer coisa de muito diferente.

Um projecto de arquitectura não existe previamente à encomenda; ele é, precisamente, criado, inventado, executado, *a partir* da encomenda (e será tanto mais inteligente quanto mais inteligente for a encomenda a que tenha de garantir resposta); como tal, o tempo da execução de um projecto, podendo ser balizado, não pode estar a concurso; o tempo de execução de um projecto terá sempre uma *razoabilidade* que lhe advirá da responsabilidade, gosto e envolvimento que os arquitectos lhe dedicarão.

E a duração alongada de uma obra não se esgota só nos projectos.

Em muitos casos, a bons projectos estão associadas, simultaneamente, largas histórias, relacionadas com alterações de programa, dificuldades na captação de fundos, mudança de empreiteiros, faseamentos mais ou menos provisórios que acabam por se eternizar.

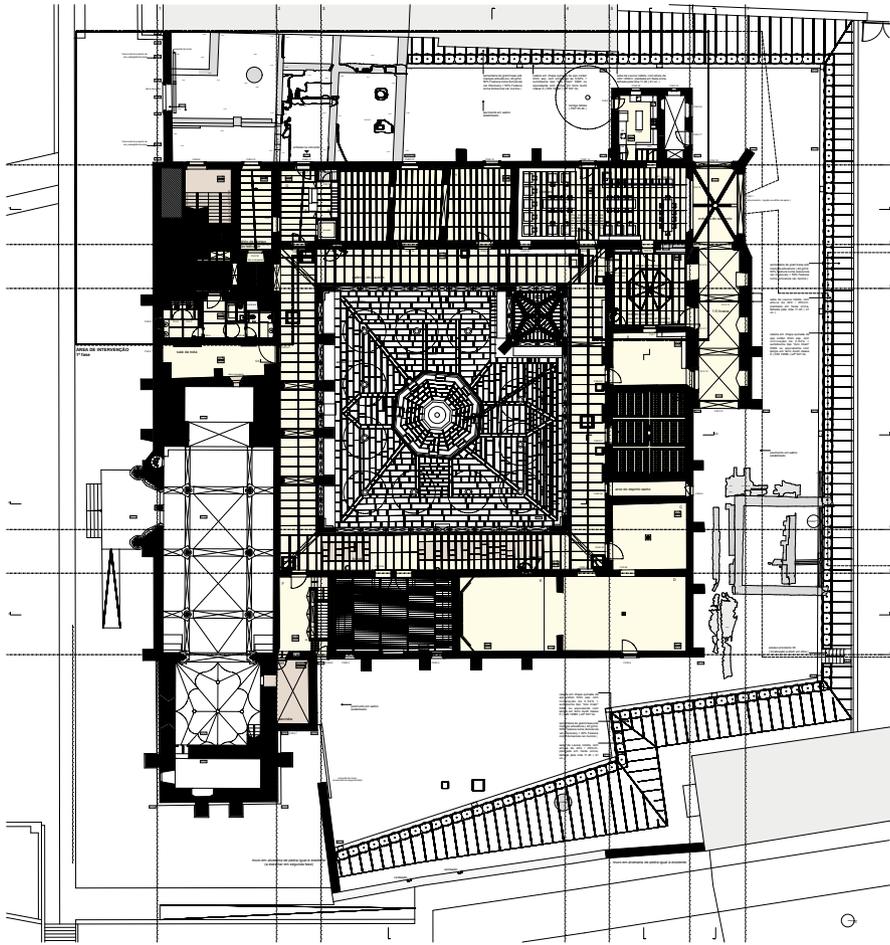
E isto, a propósito do que, finalmente deverá vir a ser – e em parte já é –, o novo Museu de Setúbal, impossível que se mostrou prosseguir o desejo inicial de há 17 anos.

Em 2010 foi pedida ao arquitecto uma revisão do seu projecto. As dificuldades em conseguir fundos para construir a obra inicialmente prevista, dera lugar a um pragmatismo que pretendia, sobretudo, acorrer à progressiva degradação do monumento nacional e, de caminho, criar as condições para a exposição das valiosas colecções de arte à guarda da Instituição.

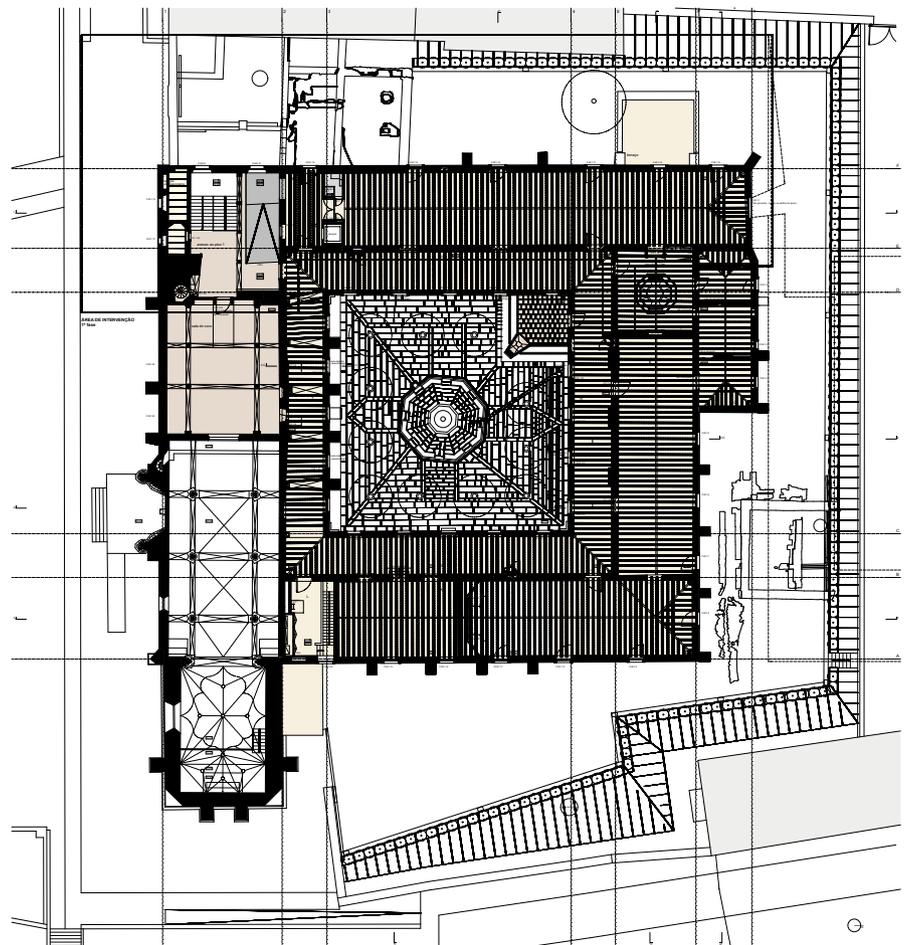
O projecto foi então refeito e as alas do Convento, nos seus dois pisos em claustro à volta do pátio central, repensadas, de modo a conterem as zonas expositivas, mas também aquelas de apoio ao funcionamento do Museu.

Para conservar as colecções de pintura num ambiente com níveis higrométricos adequados, foi estabelecido um sofisticado sistema de aquecimento através de redes finíssimas sob os novos chãos das salas. As coberturas, muito destruídas, voltaram a assentar numa estrutura de barrotes de madeira. Esses barrotes, simultaneamente, com o seu perfil e frequência, apontam para a recuperação da imagem dos

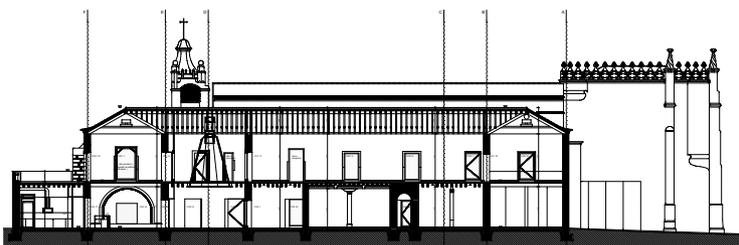
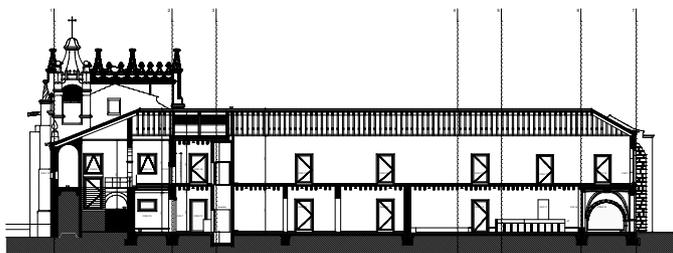
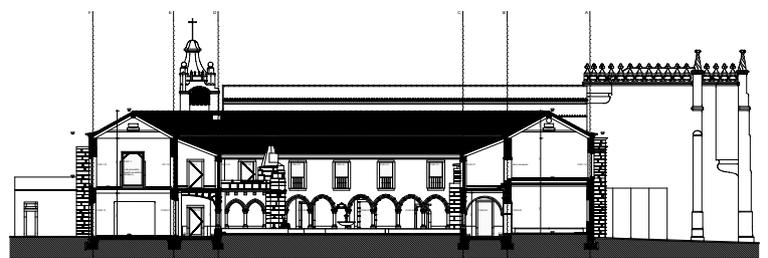
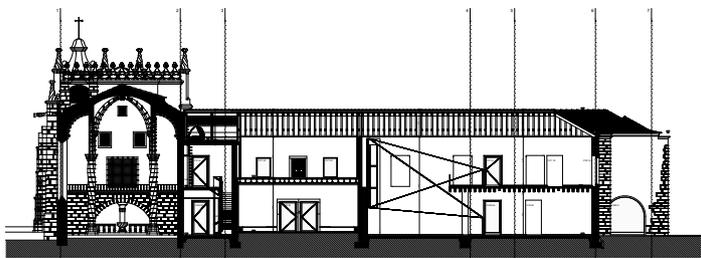




Piso 0



Piso 1



Cortes

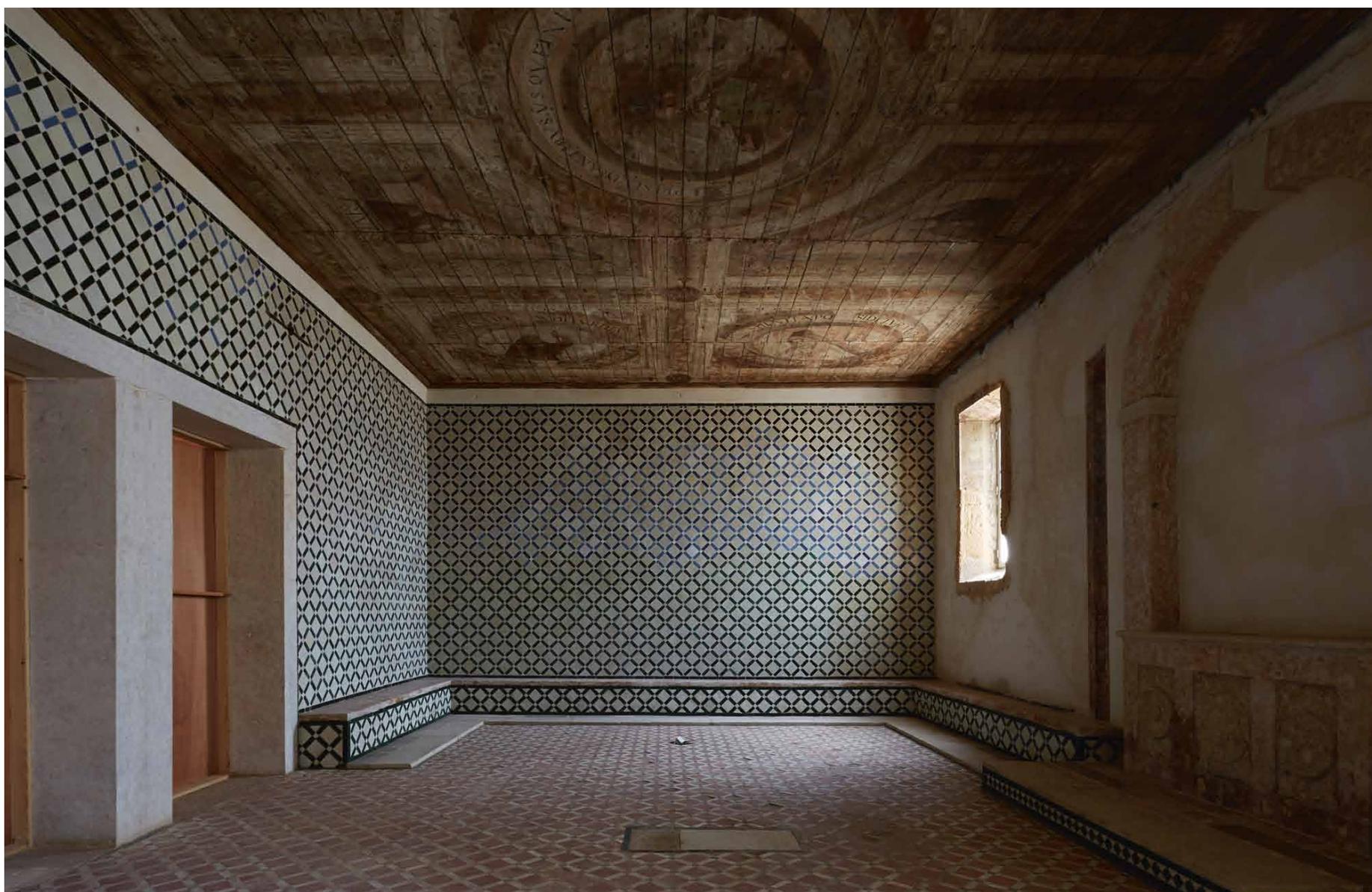


tectos de masseira que antes fechavam todas as alas, escondendo, nos seus intervalos, os aparelhos de renovação do ar, bem como os de iluminação, que ajudarão a explicitar os materiais expostos.

O vidro da Arrábida, a pedra clara que construiu o convento, volta a aparecer-nos, na subtil forra do interior dos vãos de portas e janelas, em contraste com o estuque branco que avança pelas paredes até lhes vir bordar as arestas.

Só algumas salas do primeiro piso ficaram prontas, agora, nesta primeira fase, recentemente inaugurada.

Espera-se que os trabalhos continuem. Que em baixo, mais alguns tectos originais venham a ser recuperados; que o antigo refeitório das clarissas brilhe, agora, enquanto cafeteria adequada ao completar das visitas; que a bela Casa do Capítulo, clarificada no final de XVI sob o desenho de António Rodrigues, volte a ganhar a limpidez chã que o tratadista português procurava, e volte a coroar um conjunto correctamente reabilitado e longe dos perigos de ruína a que a primeira campanha de obras, agora concluída, acorreu.





Será então possível expor grande parte do enorme número de peças de arte que compõem o acervo do Museu de Setúbal.

Do ambicioso projecto inicial de Carrilho da Graça, como memória e testemunho da intervenção maior inicialmente pretendida ficará, porventura, o arranjo previsto para a Praça Miguel Bombarda, que faceia a fachada

sul da Igreja, primeiro momento de chegada ao conjunto.

O terreno livre e disponível corresponde a um antigo terreiro cedido por D. Jorge de Lencastre, filho bastardo de D. João II, precisamente com o objectivo de nobilitar a fachada da Igreja na sua relação com o burgo. Ultrapassando os desacertos de cota hoje existentes, dada a subida constante

da cidade em volta, Carrilho da Graça propôs um delicado “dobrar” do terreno, através de um sistema de três rampas, de modo a recuperar a imagem do assentamento da baixa e robusta imagem manuelina, no solo onde fora implantada. Algumas árvores, nas rampas laterais, comporão um refrigério na aproximação à peça, antes do momento de entrada e da revelação dos seus surpreendentes segredos interiores. ●

#### FICHA TÉCNICA

##### Museu de Setúbal

[Recuperação, extensão e reconversão do Convento de Jesus de Setúbal em Museu] 1998/...

Concurso Público: 1º Classificado

##### Projecto:

João Luís Carrilho da Graça, Arquitecto

##### EQUIPA:

##### Concurso e Projecto:

João Trindade, Susana Rato, João Alves, Pedro Oliveira, Giorgio Santagostino, Mónica Margarido, Filipe Homem,

Inês Cortesão, Inês Vieira da Silva, Patricia Ramalho, Arquitectos;

João Rosário, Nuno Pinto, Desenhadores;

Paulo Barreto, Maquetista

##### Assistência à Obra:

Luís Cordeiro, Susana Rato, João Pinto, Arquitectos;

Nuno Pinto, Desenhador

##### Arquitectura Paisagista:

GLOBAL, Arquitectura Paisagista – João Gomes da Silva, Arquitecto paisagista

##### Fundações e Estrutura:

AFA, Consultores de Engenharia – Adão da Fonseca, Pedro Morujão, Rodrigo Castro, Engenheiros

##### Instalações Hidráulicas:

AFA, Consultores de Engenharia – Paulo Silva, Engenheiro

##### Instalações Eléctricas:

Rúben Sobral, Engenheiro

##### Climatização:

AEROPROJECTO – José Galvão Teles, Engenheiro

##### Segurança contra Incêndio:

António Portugal, Arquitecto / ETU – Paulo Prata Ramos, Arquitecto

##### Museologia:

João Seabra de Carvalho, Historiador / Fernando António Baptista Pereira, Historiador

##### Museografia:

P-06 Atelier – Nuno Gusmão, Designer

##### Fotografias:

© Rita Burmester

##### Desenhos:

João Luís Carrilho da Graça / jlcg arquitectos

## MAIS DO QUE UMA PLACA DE GESSO GYPTEC TEM A SOLUÇÃO

### *Placas de gesso Gyptec Material de construção de excelência*

As placas de gesso Gyptec são uma presença incontornável nas principais obras dos últimos anos em toda a Península Ibérica.

Empresa pioneira em Portugal na produção de placas de gesso, a Gyptec Ibérica acumula a vantagem de estar integrada num grupo de capital nacional que reúne várias empresas produtoras de materiais de construção: o grupo Preceram.

Esta singularidade, bem como as várias parcerias que tem estabelecido, permite-lhe estar na linha da frente quando se trata de soluções integradas para o mercado da construção e reabilitação. Soluções para paredes exteriores, divisórias interiores e para pavimentos e tetos.



### *Desenvolvimento tecnológico*

A Gyptec Ibérica desenvolve soluções resistentes ao fogo, impacto e humidade, com elevado desempenho acústico e térmico, adaptadas às exigências dos projetos atuais. Ao longo dos últimos anos a Gyptec Ibérica, em colaboração com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico em Ciências da Construção (ITeCons) e a Universidade de Coimbra, tem desenvolvido um trabalho constante de investigação e ensaios à escala real de soluções para construção e reabilitação.

Estes resultaram em vários relatórios científicos já publicados e num Manual de boas práticas referentes aos sistemas em placas de gesso recentemente editado.



### *Apoio, acompanhamento e certificação*

As centenas de sistemas testados e caracterizados para paredes, revestimentos, tetos e divisórias interiores, estão disponíveis na plataforma online Gestor de Soluções.

Esta ferramenta permite o acesso instantâneo a toda a documentação técnica, características e preços que poderão facilmente ser impressos ou exportados para o computador. Deste modo terá ao seu dispor a seleção das soluções que melhor se adaptam aos requisitos que pretende, conseguindo maior rigor no planeamento dos custos e um cálculo global mais próximo da realidade de cada projeto.

Pode ainda contar com a equipa técnica Gyptec, sempre disponível para o aconselhar e informar acerca dos produtos e sistemas, apoiando-o desde o projeto à obra.



mais informações em [www.gyptec.eu](http://www.gyptec.eu)

#### **Gyptec Ibérica - Gessos Técnicos S.A.**

Parque Industrial e Empresarial da Figueira  
da Foz, Lote 3 - S. Pedro  
3090-380 Figueira da Foz, Portugal

T (+351) 233 403 050  
F (+351) 233 430 126  
[apoiotecnico@gyptec.eu](mailto:apoiotecnico@gyptec.eu)